

A TRANSCULTURALIDADE NA LITERATURA DE LUANDINO VIEIRA

TRANSCULTURALITY IN LITERATURE BY LUANDINO VIEIRA

Felipe Campo Dall’Orto

Doutorando em Estudos Culturais

Universidade do Minho, Portugal

fdallorto@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo pretende mostrar como a literatura de Luandino Vieira utiliza os recursos da oralidade, através da linguagem popular e a escrita teatralizante, para construir uma identidade transcultural angolana a partir da escrita. Reforça os elementos particulares da narrativa em busca de uma literatura híbrida, que eternize histórias subjetivas, valorizando uma linguagem própria do povo angolano com elementos da língua portuguesa, a partir das culturas que fazem parte do imaginário ficcional e real.

PALAVRA-CHAVE: Literatura angolana; Luandino Vieira; Transculturalidade.

ABSTRACT: The present article intends to show how Luandino Vieira 's literature uses the resources of orality, through the popular language and theatrical writing, to build a transcultural Angolan identity from writing. It reinforces the particular elements of the narrative in search of a hybrid literature, that eternizes subjective stories, valuing a language of the Angolan people with elements of the Portuguese language, from the cultures that are part of the fictional and real imaginary.

KEYWORDS: Angolan literature; Luandino Vieira; Transculturality.

A linguagem como arte de representação é uma manifestação cultural espontânea do ser humano, numa relação entre tempo e espaço, estabelecido por um jogo rítmico de afirmação dos sentimentos e experiências subjetivas do homem. Durante muito tempo, serviu como forma de difundir conhecimentos pela oralidade, passando de geração à geração.

Freire (2008), em seu artigo *A canoa do tempo: tradição oral e memória indígena*, faz referência a fala da quilombola Maria Joaquina da Silva, dona Fiota, quando a mesma argumenta: “Eu não tenho a letra. Eu tenho a palavra”, para defender sua sabedoria sem escrita. Dessa forma, dona Fiota expressa a importância de valorizar a oralidade como recurso de manutenção de culturas não tradicionais. Uma preocupação recorrente nesses casos, é saber de que forma eternizar esse conhecimento, para que não se perca nas memórias dos antepassados ou quando estes se forem.

Nessa perspectiva, de eternizar o conhecimento, a utilização da literatura como recurso para manutenção dessa cultura, surge como uma possibilidade. Como construir uma literatura, considerada “letrada”, sem perder as características espontâneas e coloquiais da linguagem falada?

Dessa forma, o presente artigo pretende mostrar como a literatura angolana, especificamente de Luandino Vieira, a partir dos livros *Luuanda, A cidade e a infância* e *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, utiliza os recursos da oralidade, através da linguagem popular e a escrita teatralizante, para construir uma identidade transcultural a partir da escrita.

Luandino é um escritor português criado em Luanda, Angola, desde sua infância, que utilizou de sua escrita como forma de combate a opressão colonialista da época. Foi membro ativo do Movimento Popular de Libertação de Angola, participando inclusive da luta armada contra Portugal. A partir de suas obras contribuiu para a construção de uma literatura independente angolana.

A Literatura de Luandino

Com um estilo despojado, marcado pela originalidade, a literatura é o ponto de partida para conhecer a obra e a visão libertária de um autor que não só produz textos, mas também os transforma em verdadeiras formas de combate à dominação. Luandino Vieira se difere em sua essência por ser visceral, por permitir às suas personagens ter uma identidade, ao dar-lhes personalidades próprias e optar por contar histórias explorando

toda sua tradição oral africana, mesclando à sua escrita literária, sinais e narrações dramáticas, transformando-se em um escritor teatral.

Na construção de uma linguagem autêntica, Luandino mostra como desenvolveu a partir da literatura portuguesa uma marca própria, com o desejo e o interesse de falar de seu povo e de sua terra.

Ao criar neologismos e subverter a estrutura do português, a escrita do autor detém o mérito dos grandes empreendimentos da literatura de nosso tempo: obriga a avançar devagar, não apenas pelas inovações linguísticas apresentadas a cada passo, como também pela perplexidade frente à nova postura de fruição dos textos que acaba por se impor (Macêdo, 2016, p. 50)

Na construção de uma linguagem própria de Angola, Luandino se apropria, usa, subverte e desgasta a literatura portuguesa, dando vida a uma ‘literatura menor’, que não vem a ser uma literatura de uma língua menor, mas antes, a que uma minoria faz em língua maior, utilizando elementos que caracterizam esse tipo de literatura, ‘desterritorializando-a’, dando um caráter popular e a reutiliza com um aspecto regional, apropriada pelo coletivo.

Nesse combate às formas de dominação, uma das alternativas apontadas é a atividade criadora que serve para transgredir a tradição literária de aspectos europeus, e que tem uma forte influência de escritores brasileiros que se encaixam perfeitamente nesse momento, através de uma interação ideológica, política e linguística.

As articulações textuais, conforme desenvolvemos, têm sempre sentido político, embora ele possa ser escamoteado. O engajamento literário leva o escritor à explicitação, criando formas do imaginário de ênfase política. Para ele, a literatura discute questões fundamentais do ser e da vida político-social e procura desenvolver estratégias discursivas tendo em vista romper com a alienação do cotidiano que, na sociedade massificante, leva à minimização da própria significação. Mais do que a denúncia social, o engajamento literário solicita uma atitude reflexiva do leitor, quando suas expectativas interagem com novas estruturas articulatórias. Estas, no contexto dos países de língua oficial portuguesa, podem criar “estranhamento”, por redimensionar essas expectativas, seja pela “elevação” artística daquilo que é estigmatizado como carências históricas, seja pelo trabalho artístico do escritor. (Abdala Junior, 1989, p. 16)

Essa reconstrução linguística, favorece a criação de uma literatura híbrida de múltiplas conexões culturais que enfatiza a língua falada, fugindo da rigidez e da estabilidade existente na língua escrita. Luandino Vieira valoriza a força da palavra e embute na sintaxe normativa da língua portuguesa de Portugal a maneira de falar africana, surgindo dessa intersecção, uma literatura com ritmo, usando neologismos, vocábulos crioulistizados, transportando o leitor para o seu mundo, com sua forma detalhista de descrever cada situação.

Situações essas que são evidenciadas no livro *Luuanda*, que além de ser a narração de três prováveis acontecimentos, causa uma ruptura (linguística, ideológica, política) ao que era produzido e passa a fazer parte de um processo de construção de uma nova linguagem. As três histórias encontradas no livro se assemelham pela forma como Luandino induz o leitor a se sentir parte da história, e são contadas através de uma oralidade particular dos contadores de histórias, existindo uma interação entre a língua falada e a língua escrita.

Luuanda é classificado como um “divisor de águas”, pois através dele sua escrita passa a assumir marcas ‘angolanizadas’, com gírias, nuances e outros recursos para que o colonizador (na época) não entendesse, construindo uma linguagem diferente ao afirmar suas origens e minar a estrutura linguística imposta e o poder do colonizador, mas dialogando com a população de Angola, descrevendo de uma forma muito coloquial e complexa as particularidades da cidade, do país e da nação.

(...) a Luanda dos textos de Luandino Vieira é realidade literária complexa que reflete e refrata Angola, mas de forma que uma enorme gama de singularidades locais, de fauna, flora e geografia, receba um tratamento artístico em que se dissolvem as fronteiras regionais – e Luanda se torna o mundo. (Macêdo, 2016, p. 49)

A partir dessa descrição construída, é possível levar em consideração a natureza sociológica das personagens, percebendo que as histórias contadas em *Luuanda* podem ser verdadeiras e que são formas de simbolizar o modo de vida e a cultura vigentes numa sociedade oprimida, que vive essa dominação já intrínseca nos padrões e na identidade cultural de Angola. Descobre-se dessa forma, uma conexão entre as várias faces apresentadas pelas personagens das histórias “*Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos*”; “*Estória do Ladrão e do Papagaio*”; e a “*Estória da galinha e do Ovo*”, que deixam de ser apenas seres de papel, pois passam a coexistir no plano ficcional e no não-ficcional.

A personagem não é completamente moldada por nossa concepção usual de ser. Ela pode introduzir variações nessa concepção, deformando-a, problematizando-a. A personagem é o resultado de um processo no qual se imagina um ser que transita nas fronteiras do não-ser. (Santos; Oliveira, 2001, p. 27)

Para conferir uma maior complexidade, Luandino faz com que suas personagens apresentem uma unidade, uma constância e a possibilidade de atuação, dando-lhes o poder da palavra. Elas parecem falar através de um ato individual de vontade e inteligência, empregam códigos da língua nativa com o intento de expressar seu pensamento pessoal, apropriam-se dessas combinações da fala e mostram em seus diálogos a ideologia do povo luandense, que se assemelham em muito às personagens por possuir um conjunto de características tão compatíveis com o real. Apresentam ainda particularidades psicológicas, nas quais o autor/narrador concede uma consciência conflituosa e contraditória, dando a oportunidade de demonstrarem desejos e sensações.

Ainda em relação à autonomia que Luandino concede às suas personagens, em “*Estória da Galinha e do Ovo*” que se passa no musseque de Sabizanga, já de início o leitor é transportado para essa periferia que apresenta características menos conservadoras, que fogem um pouco das normas tradicionais do domínio português, e um lugar onde as personagens utilizam uma linguagem restrita e cada um tem uma linguagem própria. Na discussão entre as personagens *nga Zeta* e a *rapariga Bina* encontram-se particularidades nos diálogos que definem de forma bem clara a personalidade das duas, no jeito que se colocam ao falar, na exaltação e postura durante a briga. Além disso, outros elementos aparecem no decorrer do texto que remetem a hibridação que Luandino cria e que ele próprio passa a fazer parte quando em sua narrativa utiliza dessa linguagem para se fazer entender.

Nesse momento ele se apropria da linguagem teatral, ao dramatizar os fatos, descreve movimentos, apresenta o acontecido como se fosse uma grande encenação, numa forma de representar o real e simbolizar a importância do novo vencendo as velhas tradições culturais, criando uma nova possibilidade de construção cultural.

Para a maioria de nós, múltiplas conexões culturais são decisivas em termos de nossa formação cultural. Somos híbridos culturais. Os escritores de hoje, por exemplo, enfatizam que eles não são moldados por uma única pátria, mas por diferentes países de referência, por literatura russa, alemã, do sul e norte-americana ou japonesa. Sua formação cultural é transcultural (pense, por

exemplo, em Naipaul ou Rushdie) - a das gerações subsequentes será ainda mais¹. (Welsch, 1999, p. 201)

Sendo assim, essas conexões culturais podem partir tanto das histórias particulares em ambientes ficcionais, como também, ajudar a construir culturas híbridas em constante transformação, como é o caso da literatura de Luandino.

No livro *A cidade e a infância*, Luandino reforça seu estilo engajado e inovador, ao apresentar, de forma crítica, os elementos sociais e cotidianos. O autor se apropria da territorialidade local para reforçar características específicas locais, com especial destaque para a descrição imagética das cores, das descobertas da infância e de uma escrita que reforça a oralidade em sua narrativa.

Foi nesse tempo que chegou a menina da bicicleta. Trouxe atrás de si o alvoroço para os garotos. Na saia vermelha e na bicicleta. Nos olhos negros. E todos os dias, quando o sol se escondia por detrás da torre do Liceu e pintava o céu de laranja claro, ela saía a passear. Direita no selim, os cabelos negros ao vento. Os garotos sonhadores, habitantes dum reino até ali sem raparigas, sentavam-se nos montes de areia e pedra das construções e ficavam a olhá-la. Olhavam-na e sorriam-se. Discutiam. (Vieira, 1997, p. 19)

É a aposta em um estilo que insere o leitor no ambiente ficcional, que retrata de forma fiel a realidade à qual pretende descrever. Ele utiliza da representação, para debater questões da realidade.

Recurso também encontrado em *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, em que os personagens são apresentados oprimidos politicamente, mas resistentes em sua concepção cultural, ao manterem firmes suas crenças, valores e hábitos, na dura realidade retratada na história.

E nove horas da noite eram já, lua cheia sobre a sanzala a pratear as rápidas águas do Kwanza entre os morros, quando o ruído da carrinha junto das cubatas apertou o coração das mães e das companheiras. A carrinha azul era inimiga, sempre que vinha, alguém ia amarrado e espancado na carroçaria até a vila. Depois, pronto!, não voltava mais ou voltava cheio de pancadas, as mãos e os

¹ Tradução livre: “For most of us, multiple cultural connexions are decisive in terms of our cultural formation. We are cultural hybrids. Today's writers, for example, emphasize that they're shaped not by a single homeland, but by differing reference countries, by Russian, German, South and North American or Japanese literature. Their cultural formation is transcultural (think, for example, of Naipaul or Rushdie) - that of subsequent generations will be even more so”. (Welsch, 1999, p. 201)

pés inchados. Nenhum pai sabia mais se no dia seguinte ia ver o filho quando voltasse do trabalho (...) (Vieira, 2006, p. 26)

Dessa forma, Luandino estabelece uma linguagem capaz de conectar-se ao povo angolano a partir de elementos que lhes são particulares, que envolve a união da língua local com a língua portuguesa, apostando em uma identidade cultural que agrega e engloba a *inter* e a *multiculturalidade*.

Se o conhecimento de várias línguas nos faz repensar atitudes culturais de outros povos, conceitos, crenças e modos de interagir e interpretar a realidade circundante, também nos faz reflectir acerca das interferências e das influências que a convivência com outra línguas (...) vêm trazendo ao português. (Martins; Brito, 2004, p. 10)

É importante identificar essa construção linguística de via dupla, em que as culturas se relacionam e se modificam, contribuindo para a criação de uma cultura lusófona ainda em construção.

Uma cultura em transformação

Definir cultura é um estudo muito mais amplo do que se pretende esse artigo, porém é necessário entender a cultura enquanto fenômeno social não estático, e sim, em busca de compreender as novas apropriações sociais, artísticas, individuais e coletivas.

Para Welsch (1999), o conceito tradicional de cultura é muitas vezes “separatório”, o que não se aplica mais nas sociedades modernas, sendo assim, a busca por um entendimento de uma cultura colaborativa, que se preocupa mais em englobar conceitos e diferenças, do que classifica-los é determinante para esse estudo que pretende utilizar a classificação de transcultura tanto na teoria como na prática, o que dialoga diretamente com a obra de Luandino Vieira, que cria a partir da sua linguagem, uma cultura em movimento, ajudando a construir assim, uma memória coletiva de Luanda.

A utilização de uma linguagem híbrida pode ser vista como a representação de um universo misto, que perpassa pelo real e pelo imaginário, com maior ou menor intensidade, e que chama atenção em Luandino Vieira pelas particularidades na construção de um estilo que apresenta elementos muito marcantes com a oralidade africana. Sua forma de relatar a história possibilita uma interação, uma ligação inerente

em sua narrativa, pois em cada estória parece existir um pouco dele, seu ponto de vista, sua experiência vivida no lugar, ajudando assim, a estabelecer uma cultura para um povo em busca de definições.

Onde quer que um indivíduo seja moldado por interesses culturais diferentes, a ligação de tais componentes transculturais entre si torna-se uma tarefa específica na formação da identidade. Trabalhar na identidade de alguém está se tornando cada vez mais trabalho na integração de componentes de diferentes origens culturais. E somente a capacidade de atravessar transculturalmente nos garantirá identidade e competência a longo prazo². (Welsch, 1999, p. 202)

De certa forma, a literatura de Luandino se utiliza desses diversos componentes culturais, integrando elementos da cultura portuguesa, angolana, crioula, para se conectar com seu leitor e contribuir para estabelecer uma identidade cultural, para quem sabe, influenciar em uma identidade nacional.

Os elementos culturais são utilizados para ditar um ritmo à leitura, usando modismos que transmitem uma sensação forte de movimento, a passagem do discurso indireto livre para o direto, sem sinalização do fato, produz uma aceleração discursiva diegética, unindo a coloquialidade africana e o modo de narrar solto, dá a impressão de uma espontaneidade popular.

A narração baseada na tradição e na descrição dos fatos, faz com que Luandino se comporte em alguns momentos como um diretor que orchestra os movimentos e as sensações das personagens. A teatralidade resulta dessa aproximação que ele faz da sua escrita com a tradição africana, ao usar da oralidade do quimbundo e criar uma língua nova, camuflando a contestação política, em busca por uma identidade nacional e a utopia de uma nação livre, usando a arte para mostrar seu posicionamento e suas reivindicações.

Segundo Brecht (2005), o teatro e a poesia são ferramentas para a liberdade de espírito, de certa forma, Luandino Vieira na construção de suas histórias, se permite essa liberdade para criar suas personagens, já que são figuras populares que pedem características próprias, mas que tem o discurso filosófico resistente e ideológico particular do escritor. Um escritor que, consciente ou inconscientemente, escreve mais do que uma história, mais do que simples falas ou diálogos, um escritor que escolhe sons.

² Tradução livre: “Wherever an individual is cast by differing cultural interests, the linking of such transcultural components with one another becomes a specific task in identity-forming. Work on one's identity is becoming more and more work on the integration of components of differing cultural origin. And only the ability to transculturally cross over will guarantee us identity and competence in the long run”. (Welsch, 1999, p. 202)

A forma de descrever o ambiente, o jeito de iniciar e fechar o discurso leva o leitor a se lembrar de contos verídicos relatados entre amigos, a maneira como usa fusão ou locuções adverbiais ampliadas, a construção invertida das frases, procura sempre prolongar a oralidade deixando seu texto solto:

Garrido nem sabia já o que sentia: se era o quissonde no sangue, o jindungo a correr, pensando o peito dela assim bicado devagarinho como Jacó sabia; se era raiva de apertar o pescoço nesse bicho ordinário, podia mexer onde até ele tinha vergonha de olhar só. (Vieira, 2004, p. 67)

As histórias são apanhadas sem o amparo da linearidade, de cortes sucessivos, percebe-se que Luandino tem o domínio de não descuidar da coerência entre o enredo e a estrutura sutilmente cultivada. A coloquialidade que incide sobre a sua fala completa essa comunhão com as camadas populares na luta pela liberdade e autonomia, marcando assim, uma ruptura com a pacatez da leitura e levando marcas das línguas bantas para a cultura portuguesa através de relatos das heróicas aventuras populares ocorridas nos musseques.

Na busca pela construção de uma nação, é possível identificar uma crise na própria identidade, que Luandino Vieira consegue mostrar o enraizamento na cultura angolana da dominação do colonizador.

Através da ironia, do excesso de linguagem na escrita, na fala, no gestual e na descrição, com o uso de neologismo, ao teatralizar a sua linha literária e criar uma forma de comunicação na qual o português não compreendesse, atinge seu objetivo de disseminar e criar uma identidade transcultural angolana, cada vez mais híbrida.

Segundo Bhabha (1994), o hibridismo pode ser utilizado para combater à dominação colonial e cultural, desconstruindo assim o conceito de identidade imposto pela cultura dominante. O que Luandino faz em seus livros aqui apresentados. A utilização dessa literatura híbrida faz com que elementos das duas culturas, do colonizador e do colonizado, sejam apropriados e desconstruídos, criando uma nova forma de entender essa cultura cada vez mais transgressora.

É a apropriação de diversos elementos culturais na tentativa de construir um novo significado pela reconstrução subjetiva da interpretação dos vários sujeitos envolvidos, ajudando na construção histórica no momento em que ela é contada.

Subjacente à incerteza intelectual gerada pela anomalia da diferença cultural está uma questão do deslocamento da verdade que está ao mesmo tempo entre

e além do hibridismo das imagens de governança, ou a indecidibilidade entre códigos e textos (...) É um deslocamento de verdade na própria identificação da cultura, ou uma incerteza na estrutura da 'cultura' como a identificação de uma certa verdade humana discursiva³. (Bhabha, 1994, p. 134)

Dessa forma, o processo de identificação angolano se constitui tanto pelo deslocamento da verdade no próprio sentido de busca por identificação da cultura, mas de afirmação de características e códigos particulares. É a ressignificação de um nacionalismo a favor das características do povo, da nação e de uma civilização mestiça. As fronteiras ideológicas devem ser derrubadas, com o intuito de compartilhar ideias e auxiliar na formação cultural de um povo, que fala da sua realidade, contribuindo para essa identidade própria em que são valorizadas as riquezas de suas raízes.

Considerações finais

Nesse processo a literatura tem um papel primordial, ao trabalhar conscientemente em busca de um carácter autônomo nacional, valorizando o fator intelectual e gerando um sentimento de independência na alma angolana.

A literatura de Luandino nos leva à verdade através da surpresa, da excitação, da alegria. Integra o passado e o futuro no presente, mostra assim que a tradição não é estática, ela se transforma, preserva as matrizes culturais mantendo determinados elementos que as caracterizam, mas permite que as formas sejam mutáveis. Estabelece, dessa forma, um diálogo entre a memória e o tempo presente, evidencia experiências positivas e negativas, para não se repetir o mesmo erro. Para tanto, dialoga entre as diversas áreas à procura por criar uma intensa atividade cultural, possibilitando assim a construção de uma identidade nacional baseada na cultura de um povo revolucionário, que busca na sua linguagem um caminho para a libertação.

Sendo assim, a apropriação de elementos da cultura portuguesa, fundidos à língua local, interfere em alguns pontos da sintaxe, introduz neologismos e vocábulos bantos ou crioulistizados, prolonga a oralidade gramatical e desconstrói uma literatura para a construção de outra, dinâmica, em constante transformação, voltada para a ideologia

³ Tradução livre: “Underlying the intellectual uncertainty generated by the anomaly of cultural difference is a question of the displacement of truth that is at once between and beyond the hybridity of images of governance, or the undecidability between codes and texts (...) It is a displacement of truth in the very identification of culture, or an uncertainty in the structure of ‘culture’ as the identification of a certain human discursive human truth”. (Bhabha, 1994, p. 192)

nacional, que ao mesmo tempo, contribui para a “construção de uma possível identidade lusófona” (Martins; Brito, 2004, p. 11).

Essa perspectiva nacional vem buscar um sonho libertário onde as vivências dos povos devem ser relatadas e compartilhadas, criando uma memória cultural forte, capaz de interligar histórias, mesclando experiências que são particulares, e ao mesmo tempo, coletivas.

A valorização da oralidade como um mecanismo de resistência e de disseminação dessa cultura, incorporada na literatura de Luandino Vieira, vem fortalecer essa identidade. Esta forma de expressão, criada para satisfazer as necessidades de expressão e comunicação, mantém-se viva, forte e presente, e vem ganhando suporte nessa literatura feita para o povo e pelo povo, que valoriza a arte da palavra.

Assim, a transculturalidade enfatiza à produção de uma diversidade cultural que, de acordo com Welsch (1999), contribui para que diferentes grupos ou indivíduos deem forma a novos padrões transculturais tanto na apropriação como na estrutura.

O processo de desenvolvimento cultural e literário ainda está em curso tanto em Angola, como em vários lugares do mundo. A evolução não se dá por completa só com a autonomia, é preciso que essa literatura independente seja fortalecida, priorizando essa transgressão nas normas para construir uma literatura que represente o seu povo. A necessidade de se construir uma expressão nacional e literária é de caráter político, ideológico, estético, e é produto do desenvolvimento da autoconsciência dos gênios literários angolanos, que lutam por firmar uma literatura própria, que contribua para valorizar uma literatura portuguesa mais ampla.

A literatura praticada por Luandino Vieira, além de engajada, surge como uma forma de redescobrir a história e as culturas de Angola e da diáspora negra no mundo, pois é possível observar em sua escrita, a utopia de uma nação livre do ponto de vista social e cultural.

Referências

- ABDALA JUNIOR, B. (1989) *Literatura, história e política*. São Paulo: Ática.
- BHABHA, H. (1994) *The Location of Culture*. London: Routledge.
- BRECHT, B. (2005) *Estudos sobre teatro*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.
- FREIRE, J. (2008) *A Canoa do tempo: tradição oral e memória indígena*. In SALOMÃO, J (org): *América: Descoberta ou Invenção*. 4º Colóquio UERJ. Rio de Janeiro, Imago.

- MACÊDO, T. (2016) A Luanda de Luandino. Revista do núcleo de estudos de literatura portuguesa e africana da Universidade Federal Fluminense. Vol. 8, n. 16.
- MARTINS, M.; BRITO, R. (2004) Considerações em torno da relação entre língua e pertença identitária em contexto lusófono. Anuário internacional de Comunicação Lusófona, n. 2, Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, São Paulo.
- SANTOS, L.; OLIVEIRA, S. (2001) Sujeito, Tempo e Espaços Ficcionalis: Introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes.
- VIEIRA, L. (2006) A vida verdadeira de Domingos Xavier. Amadora: Editora Caminho.
- _____. (2004) Luanda. Amadora: Editora Caminho.
- _____. (1997) A Cidade e a Infância. 3ª ed., Lisboa: Ed. 70.
- WELSCH, W. (1999) Transculturality - the Puzzling Form of Cultures Today. In Spaces of Culture: City, Nation, World. London: Sage.